

AMÉRICO DE CAMPOS (1875-1894)
FRANCISCO RAMEL PESTANA (1875-1890)
JULIO MESQUITA (1885-1927)
JULIO DE MESQUITA FILHO (1915-1969)
FRANCISCO MESQUITA (1915-1999)

LUIS CARLOS MESQUITA (1952-1970)
JOSÉ VIEIRA DE CARVALHO MESQUITA (1947-1988)
JULIO DE MESQUITA NETO (1948-1996)
LUIS VIEIRA DE CARVALHO MESQUITA (1947-1997)
RUY MESQUITA (1947-2013)

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
PRESIDENTE
ROBERTO CRISTIAN MESQUITA
MEMBROS
FRANCISCO MESQUITA NETO
JULIO CESAR MESQUITA
LUIS CARLOS ALENCAR
RODRIGO LARA MESQUITA

DIRETOR PRESIDENTE
FRANCISCO MESQUITA NETO
DIRETOR DE JORNALISMO
EURÍPEDES ALCANTARA
DIRETOR DE OPINIÃO
MARCOS GUTERMAN

DIRETORA JURÍDICA
MARTIANA UEMURA SAMPATO
DIRETOR DE MERCADO ANUNCIANTE
PAULO BOTELHO PESSOA
DIRETOR FINANCEIRO
SERGIO MARGUEIRO MOREIRA

NOTAS E INFORMAÇÕES

A ressocialização do Zé

daodigital#wsmuniz30@gmail.com



Concorrida festa de aniversário de Dirceu mostra que o petista, preso três vezes por corrupção, não perdeu o ar de 'consigliere'. O risco é de que a ressaca do rega-bofé recaia sobre o País

A comemoração pelos 78 anos de José Dirceu, na quinta-feira passada, mostra que o sistema penitenciário funciona: o petista, devidamente ressocializado depois de ter sido preso três vezes, reuniu em torno de si boa parte da cúpula do poder numa mansão do Lago Sul, em Brasília. O beija-mão que se viu naquela festa mostrou que nenhum dos inúmeros reveses jurídicos e políticos de que Dirceu padeceu por ter se metido em toda sorte de malfeitos durante os primeiros mandatos do presidente Lula da

Silva parece ter lhe tirado os ares de *consigliere*.

Nem parecia que os cerca de 500 convidados do aniversariante – entre os quais figuravam políticos de todos os matizes, advogados, empresários e jornalistas – estavam reunidos em torno de um criminoso condenado por delitos graves em várias instâncias do Poder Judiciário. Decerto a costelinha de porco, o feijão tropeiro, o sorvete do Pará e a perspectiva de poder oferecidos no banquete pareceram tão saborosos aos convivas que a vergonha passou longe dali.

Não se sabe exatamente por que Dirceu celebrou seu aniversário, que é hoje, na quinta-feira. O fato é que Brasília é conhecida por se tornar um deserto nos finais de semana. Sendo a festa num dia útil, convenientemente, puderam abraçar Dirceu – e lhe emprestar prestígio – o vice-presidente da República, Geraldo Alckmin, o presidente da Câmara, Arthur Lira, o presidente da Petrobras, Jean Paul Prates, e o deputado Guilherme Boulos, pré-candidato à Prefeitura de São Paulo. Postulantes à sucessão de Lira no comando da Câmara, os deputados Elmar Nascimento, Marcos Pereira, Antonio Brito e Isnaldo Bulhões foram outros que, entre um brinde e outro, foram ouvir os conselhos do mandachuva petista.

Lula não prestigiou o amigo, mas, além de Alckmin, fez-se representar pelos ministros José Múcio Monteiro (Defesa), Fernando Haddad (Fazenda), Nísia Trindade (Saúde), Alexandre Padilha (Relações Institucionais) e Sílvio Costa Filho (Portos e Aeroportos).

A noite de festa pode ter sido maravilhosa para todos os que lá estiveram. Mas, para a grande parcela da sociedade brasileira que não perdeu a memória nem o juízo, o bolo servido foi indigesto.

Num discurso que soou quase como uma ameaça ao País que deseja se desenvolver social e economicamente com responsabilidade, Dirceu defendeu não só a reeleição de Lula em 2026, como ainda mais um mandato petista, no mínimo, até 2034. “Nós (os petistas) não temos mais 30, 40 anos. Nós temos dez anos para fazer as mudanças”, disse o aniversariante. “Nós não chegamos ao

governo com maioria no País. Nós chegamos ao governo pelas circunstâncias históricas do bolsonarismo.”

Deve-se reconhecer que José Dirceu, um dos líderes *de facto* do PT, segue sendo um dos mais argutos e lúcidos estrategistas políticos do partido. Sua clareza de diagnóstico sobre as circunstâncias excepcionabilíssimas que permitiram a volta de Lula e do PT ao poder parece faltar ao próprio presidente da República. Não se sabe se Lula tem a compreensão de que o que levou uma apertada maioria de eleitores a reabilitá-lo nas urnas foi o golpismo bolsonarista. O que seus atos e palavras demonstram, na direção diametralmente oposta, é que ele parece acreditar que sua vitória representou a chancela do eleitorado à agenda petista.

Que não haja ilusões. Dirceu está em franca campanha para voltar formalmente ao poder. Se Lula hoje, com um séquito de auxiliares que nem remotamente têm a história e a experiência política de seus primeiros assessores palacianos, já está inclinado a retomar políticas que, comprovadamente, quase levaram o Brasil à ruína no passado recente, tanto pior será com alguém muito mais inteligente e capaz, como Dirceu, a seu lado nessa empreitada rumo ao atraso.

Para que não seja o País a sofrer com a ressaca, seria prudente que uma direita democrática e responsável se articulasse para enfrentar essa força retrógrada. Afinal, como o próprio Dirceu admitiu, caso a direita não tivesse sido sequestrada por um desqualificado como Bolsonaro, o PT jamais teria voltado ao poder. ●

Um plano pela metade nos institutos federais

À bem-vinda iniciativa de investir na expansão e interiorização do ensino técnico e profissionalizante, o governo precisa urgentemente acrescentar outra tarefa: repensar o modelo

Falta uma peça essencial na engrenagem montada pelo governo federal para ampliar a rede de Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia em todo o Brasil: definir o que deseja de fato para o ensino técnico e profissionalizante. Os artífices dessa política precisam apontar com mais precisão qual o modelo de ensino e gestão que estamos construindo, algo que não se limite ao fetiche lulopetista por obras e instalações e resulte em ganhos efetivos de longo prazo para os estudantes e o País. Sem isso, os números eloquentes anunciados recentemente se converterão em meras promessas e peças de marketing para o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Serão 100 novos campi de institutos federais, com expectativa de criar 140 mil

vagas – a maioria em cursos técnicos integrados ao ensino médio. O governo prevê investir R\$ 2,5 bilhões em novas unidades, além de R\$ 1,4 bilhão em melhorias das unidades existentes, hoje com 656 campi.

Vinda de um governo que se habitou a concentrar esforços em demasia na abertura de novas vagas nas universidades, como se fossem garantia de passaporte para o futuro dos nossos jovens, a notícia é especialmente bem-vinda: a expansão e a interiorização são dois eixos fundamentais para dar mais robustez ao ensino técnico e profissionalizante. Não se sabe ao certo, contudo, a natureza desse modelo, dúvida que se torna mais inquietante quando a vemos expressada até mesmo por quem acompanha o tema de perto. Foi o caso de Claudia Costin, reconhecida

especialista em Educação, que em entrevista ao *Estadão* sugeriu com clareza: é hora de repensar o modelo do ensino técnico. Mesmo elogiando a iniciativa de expandir e interiorizar a rede, ela revelou a incerteza sobre o modelo vigente e apontou caminhos possíveis para correções de rota.

Antes de tudo, convém ao Brasil superar a ideia corrente segundo a qual o ensino técnico se destina a quem não faz faculdade, e que aqueles que estão fora das universidades pertencem a um grupo social menos privilegiado. Essa soma de preconceitos e equívocos gera problemas por todos os lados: aos ensinos superior, médio e técnico e, claro, aos próprios estudantes. Além disso, desvirtua uma premissa elementar: ingressar no ensino técnico não significa impedir a opção pelo ensino superior. Algumas das melhores experiências internacionais envolvem políticas conciliáveis.

Duas palavras-chave costumam faltar no vocabulário educacional do PT: política pedagógica e gestão. Apesar de ambas causarem urticária no comissariado petista, o ministro Camilo Santana sabe de sua importância, pela experiência bem-sucedida do modelo adotado no Ceará na educação básica. Mas o que o governo de fato espera do ensino técnico? Cursos capazes de gerar maior empregabilidade? Atender a expectativas de muitos jovens de usar o ensino

médio como uma forma de postergar a faculdade e, ao mesmo tempo, trabalhar na sua área, ganhando conhecimento prévio e renda? Ter formações pensadas a partir das demandas do setor produtivo? Estimular áreas relevantes, como tecnologia, a fim de reduzir os gaps existentes e aproveitar o potencial presente e futuro? Servir de trampolim para o ensino superior? Por outro lado, como planejar e aperfeiçoar a gestão das novas e atuais unidades? Haverá também professores com formação e expertise adequadas a essas demandas?

Nada disso parece claro. Claudia Costin mostrou modelos inspiradores: na Coreia do Sul, por exemplo, há ensino técnico de tecnologia de ponta no nível médio; em países como Alemanha, Áustria e Suécia, o ensino técnico dialoga com o mundo do trabalho, com formação feita nas escolas, nos laboratórios e também nas empresas. Ao Brasil convém ainda não ignorar a necessidade de atrelar o ensino técnico com o agronegócio, área em que o País avança com tecnologia. Levar em conta um plano de desenvolvimento das microrregiões pode significar, por exemplo, incentivar os jovens locais a trabalhar no agronegócio, não só plantando, mas operando drones e inteligência artificial.

Por ora, o que parece inquestionável é o desejo de expansão da rede e obras. Uma iniciativa positiva, insista-se. Mas longe de ser suficiente. ●